



## A socialidade nas ruas da favela da Mangueira: cartografia do acaso<sup>1</sup>

Heloiza Beatriz Cruz dos REIS<sup>2</sup>

João MAIA<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### Resumo

A proposta da pesquisa é apreender as especificidades da dimensão comunicativa nas ruas da Candelária, na favela da Mangueira (RJ) e compreender em particular como seus moradores modelam a sociabilidade de rua. Essas singularidades podem revelar lógicas peculiares de apropriação do espaço, no “agir urbano”, que se re-constroem na esfera do cotidiano e permitem ‘ver-a-cidade’ e pensar o cotidiano da favela. A ‘rua’ comprova ser uma categoria comunicacional fundamental desse conjunto da *urbe* e que estabelece uma ‘lugaridade’, onde se podem apreender usos, sentidos e significados como formas de estetizar o espaço. Propomos pensar essa questão a partir do campo da cultura e considerar que as favelas estão consolidadas em nossos mapas simbólicos e materiais nas elaborações das cidades. Afirmamos que a noção de “sociabilidade comunitária” é de extrema importância para se pensar a cidade contemporânea.

**Palavras-chave:** Cidade; Socialidade; Agir urbano; Favela; Rua.

### Introdução

Entulhos, cacos de vidros, pedaços de madeiras, vergalhões, latões de tinta. O lugar está sempre em obras. As ações dos homens da favela e os objetos que circulam pelos becos reproduzem um complexo de variáveis feito de espaços dentro de espaços, sentidos dentro de sentidos, cidades dentro de cidades e becos dentro de vielas. As casas se reproduzem de maneira inesperada. As ruelas estão sempre anunciando uma obra. Espaço de obras em permanente mudança. Ao mesmo tempo em que assistimos a ancoragem em forma de histórias de moradores antigos e de escola de samba que se traduz em tradição, por outro lado, assistimos as mudanças espaciais acontecerem de maneira acelerada. O lugar é de contradições mesmo, repleto de becos de esperanças no futuro de uma obra bem sucedida, com algumas avenidas que servem de palco para festas de luzes e de sons.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação e Culturas Urbanas.

<sup>2</sup> Heloiza Reis é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, graduada em Arquitetura e Urbanismo (1996) e Comunicação Social (2001) pela UGF. Atualmente é professora substituta da faculdade de Comunicação Social da UERJ e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade do CNPq/PPGCom/FCS/UERJ. E-mail: heloizareis@hotmail.com

<sup>3</sup> João Maia é professor Adjunto da faculdade de Comunicação Social da UERJ, mestre em Comunicação e doutor em Sociologia. É editor da revista Contemporânea (revista eletrônica). Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade do CNPq/PPGCom/FCS/UERJ E-mail: cac\_mangueira@hotmail.com



Na nossa vivência com o cotidiano da favela, além de observar marcos de época, de um determinado momento que ficou gravado de diversas formas em sua relação com a cidade, buscamos trazer à tona as formas de socialidade e os registros de espacialização que acontecem na Candelária. Nossos esforços se farão no sentido de compreender as interações entre os homens que circulam pelo morro, os processos de sociabilidade e as diversidades culturais. Testemunhamos fixos e fluxos que nos envolvem em uma dinâmica de antagonismos e negociações das redes de socialidade que formam a malha da favela. Entender como determinados espaços vão se constituindo em ‘lugares do diálogo’ a partir de práticas comunicativas em rede comunicacional. O que seria uma rede comunicacional da favela? Aqui falamos da rede que se tece no cotidiano da afetividade das relações de afetividade da vizinhança e também das redes que se formam através dos computadores e que constroem comunidades de interesses. Michel Maffesoli em diversas obras nos lembra que a rede serve de suporte. Ela é maleável, mas nem por isso sugere fragilidade. Ela pode sustentar e ser matéria de coesão social.

A rua é para circulação e é também para ancoragem. É ali que encontramos os amigos, abrimos a cadeira de praia e ficamos de papo com o vizinho. Assistimos as crianças brincando. No Beco do Juarez fazemos amor em pé durante horas e escutamos os sussurros e suspiros dos casais cúmplices. Existe a possibilidade de transformação destes espaços de fluxos em espaços apropriados pelos seus moradores e desta maneira os espaços de circulação da favela se tornam espaços públicos de sociabilidade. Vivemos as contradições entre os fixos e fluxos, sem maiores problemas na Candelária.

A nossa pesquisa revela uma parte da cidade pouco visitada. Convidamos ao leitor a uma reflexão inusitada sobre a favela, pois o recorte que fazemos é no campo da cultura. Usamos a “virada cultural” como sustentação para apresentar o cotidiano da nossa cidade. Entraremos pelos becos, pelas vielas, pelas casas, pelas avenidas e subiremos o grande viaduto rosa que existe na Candelária, Mangueira, para falar com o morador do morro que irá nos revelar o significado da sociabilidade comunitária. Vamos a campo com o intuito de compreender o ato de compartilhar o espaço da cidade. Essa imersão não é nova, pois esse trabalho está inserido numa pesquisa maior. Participamos do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC) do PPGCOM



da UERJ/CNPq que desenvolve um trabalho de pesquisa na comunidade da Candelária desde 2004.<sup>4</sup>

### **Fixos e fluxos: a favela como experiência da cidade**

O espaço da favela além de ser constituído por vias e edificações, isso é obvio, podemos ver do asfalto a beleza de suas construções. A noite com suas luzes acesas a imagem chega a ser lúdica e durante o dia a nossa imaginação é atravessada pela pergunta: como essas casas se sustentam sem projetos de um arquiteto? Porém, vamos ressaltar a importância das ‘redes de sociabilidade’ que não estão ali o tempo todo, de maneira explícita, mas que servem de ossatura para a constituição do social. Elas se materializam no espaço cotidiano da favela quando são sentidas pelos moradores. As diversas formas de ir e vir que compõem a dinâmica do local aonde o ir à “padaria da Dona Penha”<sup>5</sup> está carregada de significados que ultrapassam a razão prática do cotidiano. Dona Penha não é apenas a padeira, pois sua força está além do pão que vende diariamente. Essa mulher transformou o lugar com as histórias que ouve diariamente no seu balcão. Ela estendeu seu atendimento e colocou mesas e cadeiras e hoje não sabemos se ainda podemos chamar tal estabelecimento de padaria.

A análise a partir da noção de rede de sociabilidade implica direcionar o olhar para os moradores da favela, para as atividades e ações que empreendem, para os objetos a eles associados e que cumprem determinado papel nas associações que estabelecem entre si. A organização dos moradores da favela em uma rede de sociabilidade possibilita nas relações horizontais e colaborativas, produzir narrativas, territórios de negociação e se conectar a outras redes afetivas, que os inserem como interlocutores do mundo globalizado. Na relação entre o universal e o particular, entre unidade e totalidade se constrói a rede das relações interpessoais, e dentro dessa ‘rede’ é que o sujeito pode recriar significados e produzir sentidos ao seu espaço cotidiano.

Milton Santos nos permite inferir a emergência de outra categoria de análise que apresenta grande plasticidade: trata-se da ‘lugaridade’ que emerge entre interesses e trocas ou entre crenças e sentidos e permite perceber que, entre fixos e fluxos, mobiliza-se a corrente de informação que impregna objetos e ações e, em constante metamorfose, converte os fixos do mundo, produzido nos fluxos da cidade vivida. Entre fixos e

---

<sup>4</sup> Ver trabalhos do pesquisador coordenador do CAC João Maia no INTERCOM- Comunicação para a Cidadania em 2005 e 2006 e COMPÓS- Comunicação e Cultura em 2006 e 2007.

<sup>5</sup> Há 30 anos, um dos principais pontos de referência e encontro na Candelária.



fluxos, entre produção e sentidos, entre técnicas e ações, a ‘lugaridade’ apresenta-se como possibilidade de ‘ver-a-cidade’ que, por sua vez, permite distinguir o local e o lugar: o primeiro atua como referência da paisagem, o segundo é o pólo cognitivo onde se podem apreender usos e sentidos e através dos quais é possível, podemos dizer, construir uma cartografia da favela e migrar da constatação sociológica para a dimensão comunicativa que assinala sua história.

Assim a favela, como o “lugar do homem” é objeto de múltiplas narrativas e olhares, que não se hierarquizam, mas se justapõem, compõem ou se contradizem sem, por isso, uns serem mais verdadeiros ou importantes que os outros. Acredita-se no compartilhamento sistêmico e integrado da comunicação e da informação – compreendida como significação em ‘rede’. É comum alimentar curiosidades e especulações acerca do cotidiano dos que habitam a favela, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades em suas ruas, becos e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às socialidades que nesse espaço se fazem presentes. Uma mesma formação social pode abrigar como nos parece, por exemplo, a favela, diversidades e similaridades.

Desse modo os fixos e fluxos, que conformam uma rede de socialidade, e que caracteriza uma ‘lugaridade’ se aglutinam para permitir entender a favela como “espaço técnico, científico, informacional” responsável pela comunicação que caracteriza o seu cotidiano e o transforma em uma das maiores experiências da cidade.

### **Uma definição para socialidade e sociabilidade**

Para compreender as experiências e relações coletivas, considerando suas facetas lúdicas e rotineiras, propomos pensar e identificar as relações comunicacionais no contexto da favela, a partir da compreensão dos conceitos de socialidade e sociabilidade, proposta por Michel Maffesoli, sobretudo no pensamento desenvolvido em “A conquista do presente” (1984), “O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa” (2006) e “Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo” (2004). A compreensão desses conceitos é fundamental na busca dos aspectos que envolvem a vida cotidiana e a comunicação social e que fundem um ‘estar-junto’ comunitário presentes na pós-modernidade.

Embora a modernidade tenha construído todo um projeto debruçado sobre o individualismo, sobre a perspectiva de que o indivíduo orientado pela reflexão instrumental se tornaria o núcleo fundamental da sociedade, a contemporaneidade, ou a



pós-modernidade, tal como argumenta Maffesoli, apresenta um indivíduo orientado não apenas por esta "conduta" racional, mas que se deixa conduzir pela afetividade, pelo sentimento de 'pertencer à'. O que faz com que o indivíduo se ligue, desligue, re-ligue às práticas sociais compartilhadas dentro de um espaço, é a busca para suprir o desejo de estar e ser reconhecido, e de se identificar com projetos comuns, em que a afetividade se faz presente.

O 'viver a cidade' apresenta-se num dia-a-dia cheio de ambigüidades, ambivalências, contingências, diferenças, repleto de movimentos justapostos, intrapostos, entrepostos, superpostos, que podem ser lineares ou ondulares, intensos ou suaves, e que estão escondidos, subterfugiados no que se pode chamar de 'espaços de relações primárias'. Neste sentido, poder refletir sobre o cotidiano torna-se um desafio por romper com a tradição de se pensar o espaço da cidade e o espaço da favela, com a possibilidade de compreender os vários caminhos, e suas trilhas repletas de outros caminhos, que dão forma às suas redes.

Nestes termos, o espaço urbano ao qual Maffesoli (2006) se refere não é mais aquele (espaço) da modernidade, que surge no, e através do contrato social, mas sim o espaço que se constitui na relação com o outro. O indivíduo forma o seu espaço na vida social, no cotidiano. O indivíduo estabelece seu lugar a partir de sua relação com os espaços da cidade aos quais pertence socialmente e culturalmente.

O conceito de pós-modernidade apresentado por Maffesoli (2006) considera este momento não como uma época histórica definida em espaço e tempo, mas como um momento histórico descolado da linearidade histórica, onde o imaginário, o simbólico, o onírico, o festivo, são alguns dos parâmetros que melhor o exprimem por contraposição ao racionalismo positivista científico, que é a marca da modernidade. Há neste momento para o autor, uma "conjunção dialógica" entre normas, sentimentos, formas, espírito, corpo e indivíduo (*persona*). Há uma conjunção de tensão entre esses fatores, que compõem o espaço urbano, e que não busca esquematizar a cidade pela separação e divisão destes (pensamento moderno).

Trata-se de um momento em que se convive concomitantemente com os arcaísmos e com o desenvolvimento tecnológico. Essa sinergia de aliar os contrários é que dá o seu tom, longe da linearidade da idéia de progresso da modernidade e cada vez mais próxima da idéia de uma 'colcha de retalhos', de uma 'bricolagem', onde as imagens cotidianas trabalham no entendimento de uma 'rede' que engendra o



sentimento da partilha, da comunhão, do encontro, com o exercício da comunicação, para evocar o sentimento, a emoção ou a empatia geradora do elo comunitário.

Dentro desta ‘rede sincrética’, as pessoas se re-conhecem e se re-encontram consigo mesmas e com os outros. Seguidamente, identifica-se tanto com um grupo, como com outro. Ora faz parte de um grupo, ora faz parte de outro. Assim, segue costurando sua identidade que já não é mais fixa, mas complexa, junto às redes de sociabilidade.

Dentro desta perspectiva de rede, o termo indivíduo, não parece mais aceitável. É preciso falar, assim como Maffesoli, na pós-modernidade, de uma pessoa (*persona*) que desempenha diversos papéis nessa rede, às quais ela adere ao longo de sua existência. A identidade fragiliza-se e as diversas identificações multiplicam-se. Essa *persona* socializa-se de uma maneira diferente. Ela participa de um jogo de máscaras para viver a completude do social e do urbano. Vive uma contraposição entre o indivíduo moderno e o indivíduo complexo. Essa diferença pode ser explicitada por meio da dicotomia ação/criação: o indivíduo identifica-se com a primeira, já a *persona* com a segunda.

No entanto, ao se falar em *persona* é a possibilidade de criação, apresenta-se uma outra especificidade, uma capacidade não de separação e dominação seguida de modelação, mas um “fazer com”, que transforma a relação sujeito/objeto. Essa relação passa a ser vivida de uma maneira complexa, pois engloba a pessoa que olha. Sujeito e objeto interagem. Há composição e participação, e não separação.

O exercício de ‘olhar por dentro’ das redes de sociabilidade, é perceber os espaços da cidade e compreender as "cacofonias" e “polifonias” urbanas a partir delas mesmas.

Michel Maffesoli em “Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo”, publicada no Brasil em 2004, apresenta algumas reflexões sobre as noções de modernidade e pós-modernidade, a história do indivíduo e da razão, num mundo chamado de globalizado, mas onde predomina o tribal e o local. O espaço urbano conquista novas dimensões, lúdicas e simbólicas, celebrando uma socialidade visível na efervescência da vida cotidiana.

À imagem do que nos diz a arquitetura e o urbanismo sobre o pós-modernismo, a pós-modernidade nascente é uma construção plural, feita de pedaços diferentes. É nesse mosaico que os textos deste livro procuram esclarecer, entre outros pontos, o aspecto essencial do espaço, do lugar que faz o elo.



A socialidade contemporânea, seguindo Maffesoli (2006), aparece nos deslocamentos e nas efervescências encenados em suas escritas e rasuras por suas *personas*, revelando as ‘trajetórias subterrâneas’, as práticas cotidianas que escapam ao controle social rígido. São momentos de despesas improdutivas, de submissão a razão à emoção de viver o “estar junto”, uma incrível pulsão de se reunir, se encontrar, se dar ao outro, de se agregar, uma maneira não convencional de ser ou pertencer, um imaginário coletivo.

A sociabilidade por sua vez, caracteriza-se por relações institucionalizadas e formais de uma sociedade, isto é, uma maneira convencional de “estar em sociedade”, de pertencer a uma determinada sociedade. Retratam um “ser” artificial, estereotipado, como, por exemplo, a forma como a cidade vê a favela, enquanto a socialidade retrata o “ser” como ele é, como a favela se mostra para a cidade, “a vida como ela é”. É neste contexto que a favela possibilita a emergência de uma socialidade e, a partir dessa análise proposta por Michel Maffesoli (1984), podemos dizer que em suas ruas, em sua trama urbana, em suas redes comunicacionais, pratica-se uma “socialidade comunitária”, uma identificação e união das “consciências iguais” e da solidariedade.

### **A Rua: dimensão da socialidade**

A marca da Candelária é a diversidade e a heterogeneidade nas formas de se viver na favela, formas que contrapõem ou se completam nas práticas cotidianas de sociabilidade de seus moradores, numa dinâmica original. De fora da favela, “do olho da rua”, da avenida que liga o centro do Rio aos bairros de Benfica e São Cristóvão, impressiona a fragilidade da sustentação das várias casinhas que juntas, muito juntas umas das outras conformam a sua paisagem. Nesse contexto é inegável a presença avassaladora de imagens, em aparente desorganização, gerando enorme impacto e conseqüente, “poluição visual”, pois devem ser apreendidos de maneira muito rápida, simultânea e instantânea. A favela contemporânea é um quadro, um suporte em que o olhar não se contempla só em detalhes e a informação passa a ter cor e textura no emaranhado de suas casas que se amontoam pela encosta do morro.

A proximidade entre casa e rua causa certa cumplicidade e intimidade. A casa é a rua. A rua é a casa. Tudo faz parte de um mesmo espaço, os limites não determinam onde termina a casa e começa a rua, e moldam as formas de viver em comunidade e que tem suas fronteiras desenhadas no imaginário de seus moradores. É a socialidade no cotidiano presente nas ruas da Candelária que definem os traçados de uma mapa



imaginário. Nas andanças por suas ruas e becos são construídas as especificidades e que a diferenciam das outras localidades da favela. É a “arte de moldar percursos”, “maneiras de fazer” que marcam o traçado simbólico do lugar de pertencimento (DE CERTEAU, 1994). É procurar entender o seu espaço como lugar do encontro e da comunicação, lugar da cena pública onde se desenrolam a diversidade, os conflitos, as práticas e os imaginários sociais compartilhados, as possibilidades de diálogos. A rua é estabelecida a partir de uma interação comunicativa, de socialidade, de união, de confraternização, de solidariedade, de festa. É uma comunicação que busca arrancar uma expressividade do espaço estabelecendo a possibilidade e a exigência do diálogo e dos relacionamentos, para compreender os processos de ocupação, apropriação e significação dos espaços, conferem uma cartografia particular ao seu traçado urbano.

É na dinâmica da socialidade que as ruas da favela adquirem um significado pleno de sentidos e elementos simbólicos construídos por seus moradores a partir da articulação de seus repertórios culturais à percepção do ambiente que fundamenta possíveis fluxos modeladores de seu traçado urbano, inspirados pela comunicação e pelo imaginário do lugar. Tais práticas sociais, aparentemente cotidianos e banais, criam à consistência do lugar, ou sua ‘lugaridade’, e formam uma cartografia simbólica (MAIA & KRAPP, 2005) com características próprias de experiências, idéias, crenças e opiniões. São nas ruas da Candelária que esses elementos criam formas de estetizar o espaço da favela numa ambiência – visual e sonora – “não-contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas...” pelos seus moradores. (MAGNANI, 1996, p. 45) e que podem estar contribuindo para ampliar e ancorar identidades; memórias e imaginários contidos nos referenciais e narrativas dos moradores que expressam no seu traçado urbano os laços emocionais da constituição, da pertença, da união, da crise e da re-significação da favela.

Esse próprio ato de caminhar pode ser motivo de estranhamento e admiração, afinal é a partir da observação que construímos as paisagens urbanas no seu ato de “habitar” a cidade, das formas de apropriação deste espaço por quem circula e frequenta as ruas, as calçadas, as esquinas, as praças, enfim os lugares públicos da metrópole. Segundo Michel de Certeau (1996), toda cidade é escrita pelos trajetos dos seus habitantes, cujas formas de vida deixam suas marcas nas ruas do centro urbano e assim conformam ou formatam este espaço a partir de suas “práticas cotidianas” ou dos “usos do espaço público” que tais práticas engedram.





É uma abordagem que conduz a um encontro de especial subjetividade com a favela: olhá-la como espaço vivido, interiorizada e projetada por grupos de pessoas que a habitam e com suas relações de uso que não só a percorrem como também interferem nas formas de circulação e nos sentidos determinados de fluxos criando outros e redirecionando-os (MAIA & KRAPP, 2005). A favela percorrida como um mapa pode ser um acúmulo de objetos, monumentos, ruas, painéis de escrita, textos oficiais, passagens, sons, imagens que se transformam e ensinam através da experiência cotidiana.

A rua como escrita e como toda escrita tem sua sintaxe<sup>6</sup>? Mas o que nos faz pensar que a rua seja uma escrita? Nesta perspectiva, a rua seria a linguagem das casas. Uma rua não é propriamente um lugar material. Uma rua só tem sentido como possibilidade de caminhada e possibilidade de um destino. Não há estrada que não leve a parte alguma — mesmo uma rua sem saída e sem prédios leva a algum lugar no qual muitos já precisaram ir. Logo, a rua só é rua porque necessitamos caminhá-la, porque as casas, enquanto moradas singulares, precisam ser lidas em seu conjunto na escrita do improvisado dos pés, consumação ortográfica da poética das casas. É no caminho que as casas tomam seqüência e sentido, escrevem um nome que vem antes de nós.

Caminhar é a única possibilidade de significar as ruas da favela, apesar das motos que insistem em nos atropelar, pois o caminhar é parte fundamental do habitar o morro. A casa nos oferta abrigo, a rua nos impele a ir. Na favela essa idéia se mistura constantemente. A janela da sala está aberta para o beco. Se na casa nos demoramos, com a via nos ancoramos. Em nenhuma imagem, a relação com o destino, presente na matéria celeste das casas, está tão evidente. A rua é aquela pela qual os caminhos se cruzam e se refazem em suas diversas possibilidades, o estado pelo qual as casas não se cansam de nós.

Aprendemos com Michel de Certeau em sua obra “A Invenção do Cotidiano” que “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não

---

<sup>6</sup> Estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos.



história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...” (DE CERTEAU, 1996, p. 31).

Ainda que cercado por múltiplas perspectivas de análise, considerando seus interlocutores, a originalidade da obra de Certeau está justamente no como ele inverte a forma de interpretar as práticas culturais contemporâneas, recuperando as astúcias anônimas das artes de fazer. Na perspectiva da racionalidade técnica, o melhor modo possível de se organizar pessoas e coisas é atribuir-lhes um lugar, um papel. De Certeau, ao contrário, nos mostra que “o homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação. Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que de Certeau chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um.

### **O irreverente e espontâneo ‘agir urbano’**

Quando se tem em mente discutir a rua na favela e as dinâmicas de socialidade que nela têm lugar, um primeiro aspecto a se considerar é a sua complexidade no ‘agir urbano’. Mergulhamos no cotidiano da favela e interessa-nos buscar a pluralidade de sentidos produzidos e em produção nas ruas da Candelária, sua diversidade de sons, escritos, sinais, conversas que se processam em suas ruas e são expressões da diversidade que mantém a dinâmica deste espaço.

Nesta abordagem, os processos de significação do espaço que acontecem a partir da socialidade são fundamentais, pois é através deles que podemos ver como a rua, uma parte vital da favela, é construída e compartilhada no cotidiano. Possibilita acompanhar os movimentos, perceber sons, imagens e textos e as maneiras pelas quais se criam novas interpretações das mesmas paisagens. A favela passa a ser abordada como um espaço de comunicação, de produção de “mensagens” que marcam suas ruas, muros, como espaço polifônico de autorias variadas e conflitantes. O objetivo não é decifrar este texto, mas compreender o processo da sua constituição. Do ponto de vista do olhar da comunicação, podemos dizer que o texto polifônico da favela é produzido a partir das narrativas que resultam de relações de sociabilidade.

Na volta às entrevistas com os moradores da Candelária, notamos um movimento diferente. Rapazes pintavam um muro, bandeirolas coloridas enfeitam a rua, um mutirão anunciava uma festa. Seria o início dos preparativos de um “arraiaí”, já que era mês de junho? Desviamos o caminho e após um breve bate-papo com um dos



rapazes que orientava as atividades no muro, descobrimos que o motivo da movimentação era o Pan do Rio! Isso mesmo. Os Jogos Pan-americanos chegavam à Candelária. A rua denominada Avenida Neves estava sendo ornamentada para concorrer no concurso “Nossa rua, nosso Pan” que a Prefeitura do Rio realizava para premiar a decoração mais criativa com o tema do Pan 2007. O concurso visava estimular a tradição do carioca de se mobilizar em torno de grandes eventos e fortalecer os vínculos comunitários dos moradores das diversas regiões da cidade. E isso me parece, cada vez mais, a vocação da Candelária. Não podíamos deixar de registrar a representação de um grande evento na cidade pela comunidade da Candelária, no seu lugar. A Candelária é participativa. Ela quer trazer para a favela o espírito do Pan.

Observamos as conversas, as tomadas de decisão, as tensões – surgiu até um momento de conflito de idéias de como ficaria melhor a composição dos desenhos do asfalto, ou seja, toda a dinâmica da construção de um imaginário do lugar que representasse um evento que mexeu com o cotidiano da cidade. Começamos a entrevista com o eufórico ‘Partidinho da Mangueira’<sup>7</sup>, “Aqui na comunidade a gente faz eventos. Há 25 anos a gente realiza a tradicional festa junina. E agora estamos no concurso da Rua do Pan...’A rua Show de Bola da Mangueira está com o Brasil no Pan’ é o nosso lema desse ano”.

Mas como a Avenida Neves se tornou a Rua Show de Bola? Partidinho diz que a rua, no caso avenida, era muito apagada, sem vida. E vislumbrou que participando de um concurso de decoração de ruas poderia trazer oportunidades para melhorá-la. Assim no ano de 2002, inscreveu a Avenida Neves no concurso ‘Rua Show de Bola’, promovido pela Rede Globo de Televisão para a Copa do Mundo de futebol. “Já é uma tradição enfeitar nossa rua. Já quase ganhamos o concurso da copa do mundo de 2002. Ficamos em segundo lugar”. Por culpa da Sandra de Sá, “que não deu o ponto que faltava pra gente ganhar o primeiro lugar no concurso”, não foram os campeões, perdendo o 1º lugar, para a Rua Jorge Yúdice, em Vila Isabel.

Um grande evento, como o Pan-americano, a exemplo da Copa do Mundo, é capaz de unir as pessoas. E isso não é diferente com os moradores da Candelária que expressam toda a paixão pelo esporte. Um grupo divide o amor pelo esporte e pelo trabalho. O mutirão é para enfeitar a rua onde eles moram. Uma tarefa feita com prazer

---

<sup>7</sup> Apelido de William de Jesus Melo, nascido e criado na Candelária há 39 anos. Além trabalhar como Guarda Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro, é compositor da Mangueira, dono do trailler do “campinho” e organizador da festa junina que acontece na comunidade.



e quem sabe até inspirada pela proximidade com o Estádio do Maracanã, palco da abertura e do encerramento da festa e lugar de competição de algumas modalidades.

A “galera” trabalha compenetrada, “no gás”, afinal tudo tem que ficar pronto, pois “a prefeitura vem aqui ver os desenhos, ver nosso trabalho”, para selecionar as ruas que estarão na etapa final do concurso. Então, imaginem, os ânimos estavam agitados e concentrados na missão de deixar tudo conforme o regulamento, perfeito, bem bonito e caprichado. E para, dessa vez não deixar margem a dúvidas, de que a “rua Show de Bola da Candelária” merece o primeiro lugar.

“Mas, graças à participação no concurso em 2002, a rua melhorou bastante, pois trouxe animação pra comunidade. Quando se aproxima o início de um evento desses, como uma Copa do Mundo e agora com o Pan, eles mesmos perguntam ‘Vai ter a rua? Vai ter a pintura?’ A gente pega as crianças para pintar os desenhos que a rapaziada faz. William vai desenhando, armando os desenhos e depois as crianças vem para pintar. Então, o barato é esse! As crianças pintam com noção do que eles têm que fazer. Então, as crianças se amarra nisso!”<sup>8</sup>

Uma comunidade em contagem regressiva. Faltavam menos de um mês para o início dos Jogos e as cores do Pan já coloriam a cidade. Em época de Pan, era hora de mostrar o orgulho em vestir a cor do Brasil. E a Candelária não ficou de fora dessa torcida. Com todas as atenções na época era para o Pan, a festa junina deste ano ficou para agosto, “As melhores festas juninas que nós fizemos aqui são em agosto. E o nome da nossa festa é até ‘Festa de Agosto que dá Gosto’. É um mês de festa, toda sexta, sábado e domingo”<sup>9</sup>.

O que mais incentiva Partidinho com a organização desses eventos é a possibilidade de divertir e alegrar a comunidade. Ele lembra emocionado de uma atração que, há alguns anos atrás, com apoio dos projetos especiais da Prefeitura do Rio, conseguiu trazer: um show de circo.

“Esse show ficou marcado para mim na Candelária. O palhaço (dá uma parada e sorri lembrando do fato)...ele fez uma graça na minha frente. Quando eu me toquei que, pela primeira vez, eu ‘tava’ vendo um palhaço de perto...e eu ‘grandão’, já ‘cascudão’, nunca tinha visto um palhaço legal. Quando eu olhei para cara das crianças, ‘tava’ todo mundo de boca aberta...aí eu me toquei que ninguém nunca viu também!”<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

<sup>9</sup> Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

<sup>10</sup> Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.



Esse clima de festa representa para comunidade um estímulo de melhorias. Num certo sentido ela nos aproxima daquilo que de Certeau (1994) aborda em *Invenção do Cotidiano*. O autor fala de um sentido (senso) comum que reuniria uma liberdade (moral), uma criação (estética) e um ato (prática). O senso comum não divide a teoria e a prática, como se pensa normalmente, mas estaria presente numa arte de pensar necessária tanto às teorias e quanto às práticas cotidianas. Este juízo permite pensar as diversas formas de viver a simultaneidade temporal e espacial em jogo no espaço da favela.

“Essa tradição de reunir os moradores da rua também serve para formar novos amigos. Eu gosto de festa, eu gosto de participar! E incentivar as pessoas a participar também. Comunidade é isso que a gente tá vendo mesmo. É um ajudar ao outro, cada um tentar fazer pelo próximo, que o próximo vai fazer por ele. Eu acho que é por aí que se constrói a comunidade”.<sup>11</sup>

Tornar a rua uma festa a partir do trabalho de um grupo de moradores que não se importa em perder noites e madrugadas de sono, para que seja a mais bonita do bairro e até da cidade. “Quem não queria colaborar, quando viu o resultado, resolveu ajudar”, Tanta dedicação é para ver a Candelária ser campeã sempre na participação, na sociabilidade, na solidariedade, na esperança e de que viver com alegria pode ajudar e muito a passar pelas dificuldades da vida.

“A Candelária é minha moradia, é o meu lazer, diversão, meu trabalho, aqui é tudo! E pode ficar melhor, mas precisa de mais ajuda governamental. Na nossa comunidade tem muitas coisas que podem ser melhoradas e criadas. Enquanto não chegamos lá, Beto sem-Braço tinha um lema ‘o que espanta miséria é festa’. Pelo menos a festa une a todos, pelo menos naquele momento ali alegre, vai curtir, vai até esquecer que tem algum problema, pelo menos naquele momento. A festa traz alegria e a alegria o prazer de viver.”<sup>12</sup>

O time da Candelária também está de olho no campeonato: Quem vai levar o título desta vez? Como sempre empolgado e contagiante Partidinho vislumbra que “Esse ano vai ser a Rua Show de Bola na cabeça”.<sup>13</sup>

## Referências

CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

---

<sup>11</sup> Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

<sup>12</sup> Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

<sup>13</sup> No concurso “Nossa rua, nosso Pan” que a Prefeitura do Rio realizou para premiar a decoração mais criativa da cidade, com o tema do Pan 2007, a Rua Show de Bola da Mangueira ficou em 4º lugar.



- CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CERTEAU, M. de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.  
\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.  
\_\_\_\_\_. *A cultura do plural*. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Travessia do Século).
- DAMATTA, R. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERRARA, L. D’A.. Cidade: fixos e fluxos. In: SIMPÓSIO INTERFACES DAS REPRESENTAÇÕES URBANAS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO, São Paulo, 2005. Anais...São Paulo: Senac, 2005.
- GIDDENS, A.. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Ed.UNESP, 1991.
- LATOURETTE, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do indivíduo nas sociedades de massa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006. 232p.  
\_\_\_\_\_. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.  
\_\_\_\_\_. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004. .
- MAGNANI, J.G.C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J.G.C.; TORRES, L. (Org). *Na Metrópole. Textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.
- MAIA, J.; KRAPP, J. Comunicação e Comunidade: novas perspectivas das sociabilidades urbanas In: FREITAS, R. F. e NACIF, R. (Org.). *Destinos da Cidade: Comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p.31-45.
- MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos ‘deslugares’. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro: Nepec, UERJ, n. 16, p.64-72, jul-dez. 2003.
- MORIN, Edgar, *A Inteligência da Complexidade*, São Paulo: Peirópolis, 2000
- PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.
- SALGUEIRO, T. B.. *Espacialidades e Temporalidades Urbanas*. In. CARLOS, A. F. A;
- LEMOS, A. (Org.). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SANTOS, M. *Técnica Espaço Tempo globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.  
\_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço técnica e tempo razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.  
\_\_\_\_\_. *Por uma outra Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.



SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. (Org.) *A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo em fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1993.

SENNETT, R. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, Rio de Janeiro:Record, 1997.

\_\_\_\_\_, *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*, SP: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, R.H.A. Espaço urbano, espaço da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Belo Horizonte, 2003. Anais...São Paulo: Intercom, 2003.

SILVA,R.H.A.; GONZAGA,M.M.. Redes Culturais em Territórios Urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Rio de Janeiro, 2005. Anais...São Paulo: Intercom, 2005.